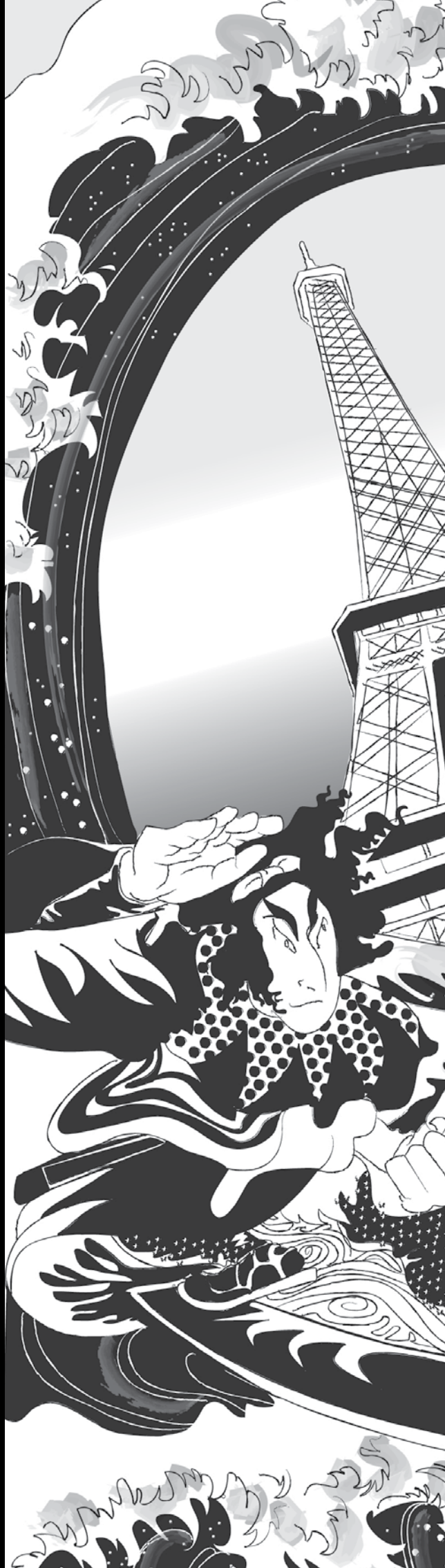


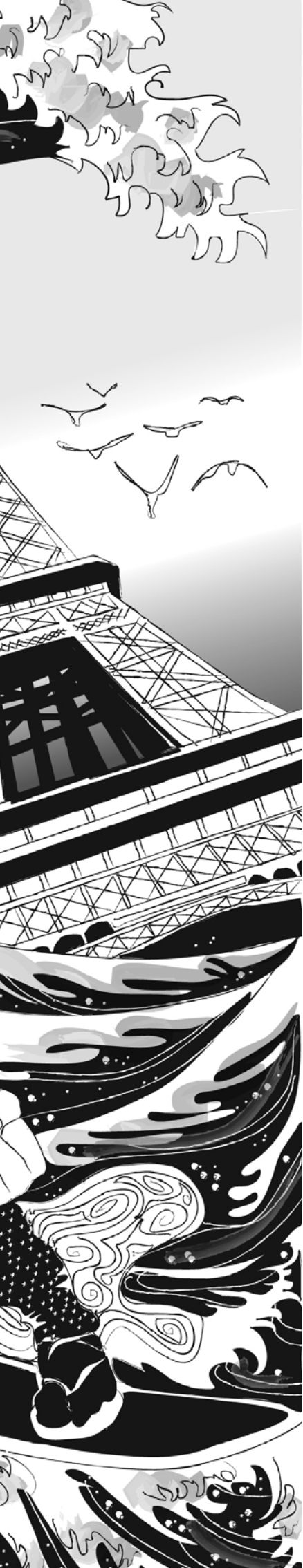
moda na filosofia

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP,
professora e pesquisadora
da Pós-Graduação em Design
da Universidade Anhembi Morumbi,
autora do livro *Produção estética – notas
sobre roupas, sujeitos e modos de vida*
(São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005).
E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br

Caio Borges, ilustrador.
Formado em Artes Plásticas pela FAAP.
Integra a equipe do Estúdio Onze
(<http://www.estudioonze.com.br>).





Acredito que a maioria de vocês já tenha ouvido falar de dois designers de moda japoneses – Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto – que na Paris dos anos 1980 lá instauraram uma Zona Autônoma Temporária. Mas o que é isso? É preciso explicar um pouquinho.

Este é o título de um livro escrito no fim do século XX por Hakim Bey, um autor cuja imprecisão biográfica acabou por forjar para si uma estética do desaparecimento, que se atrita com a lógica do mercado, porque ele se esquia o tempo todo, mostra-se incapturável, e também nos instiga, por sua capacidade espetacular de plantar histórias. Pois bem, esse pequeno livro, editado pela Conrad, contém, a meu ver, uma visão bastante curiosa e bem autoral do modo de funcionamento da sociedade contemporânea.

Espécie de arauto da contracultura em sua versão atual, *TAZ – Zona Autônoma Temporária* nos introduz à urgência de pensarmos a Vida para além das consensualidades que o modo de funcionamento do capital, em sua edição contemporânea, nos impõe, e que entrava e submete a força de criação de todos nós. Entra e submete porque a criação fica refém dos patrocínios e dos investidores que a vampirizam, ajustando-a, na maioria das vezes, às conveniências do mercado. Quer ver um exemplo? Li na *Folha de São Paulo*, em outubro do ano passado, se não me engano, um breve texto de Alcino Leite Neto, que me pareceu esclarecedor. Na ocasião, ele assistia à Temporada de Moda em Paris e disse que havia no ar um certo mal-estar entre patrocinadores e designers de moda. A razão que ele apontava era a seguinte: os patrocinadores só querem faturar e os designers, por sua vez, querem experimentar. Na ocasião pensei: tomara que esse conflito se exacerbe cada vez mais, agravando a situação, tornando-a intolerável. Sem dúvida, aqui se esboça um embate insolúvel: alto faturamento, baixo repertório de informação, “doxa”^[1], de um lado, e experimentação e risco, de outro.

Todo mundo sabe que essa é uma questão delicada com a qual o designer de moda se defronta o tempo todo, e que poderíamos estendê-la ao campo do design de maneira mais ampla.

E o que significa criar? Não é intervir na existência, não é projetar formas para um usuário, numa perspectiva que não só o conecte ao presente, mas que o arremesse para um futuro, para outros anseios éticos e estéticos? E qual futuro, como pensá-lo, a partir de que referenciais? As roupas, se quisermos ficar apenas no âmbito do design de moda, testemunham algo sobre nós, sobre nossa sensibilidade plástica, nossa consciência histórica e cultural. As roupas aludem ao nosso tempo, à construção da nossa subjetividade. O designer de moda, e eu aposto muito nisso, é uma subjetividade às voltas em decifrar os signos do seu tempo, e suas coleções nada mais são do que pesquisas de mundos possíveis.

Voltando ao livro

TAZ pode ser entendido como um levante, que traz consigo um chamamento, a liberação de uma área livre para que se possa imaginar fora das molduras recomendadas. Toma de assalto idéias e as faz funcionar fora dos territórios previstos, convocando em nós mesmos experimentos.

Exatamente por serem levantes é que são da ordem do extraordinário, do efêmero, são aparições que mais parecem táticas de guerrilha, espécie de *blitzkrieg* (guerra relâmpago, em alemão), que deixa a todos atordoados.

Talvez não seja excessivo dizer que esses dois japoneses provocaram esse levante, ao desembarcarem em Paris naqueles anos 1980, quase que hegemonicamente devotado à imagem, ao consumo, ao hedonismo. Ambos despontaram explorando campos de criação absolutamente originais e inomináveis. E naquele ambiente fechado foram capazes de localizar uma brecha, e por ela fizeram passar "uma corrente de ar fresco".

Falar dos anos 1980 é quase redundante, significa falar de excesso, festa, prazer, ostentação, acomodação, avidez, culto ao corpo e ao consumo, e também de individualismo exacerbado. As políticas postas em prática no início daqueles anos favoreciam explicitamente às camadas sociais mais enriquecidas. Os ricos ficavam cada vez mais ricos, e os pobres, mais pobres. O fosso era enorme, aliás, continua enorme. Criava-se, em contrapartida, uma atmosfera que redimia da culpa toda e qualquer cupidez, chegava-se mesmo a afirmá-la cinicamente: existe algum mal em se querer mais?

Um fragmento de relato do artista e músico Brian Eno, recém-chegado a Nova York em 1979, torna mais inteligível esse momento:

Eu estava me divertindo muito naquele momento, mas não conseguia deixar de sentir que havia um tipo de empobrecimento essencial se manifestando naquela sociedade para a qual eu havia me mudado. Do que exatamente se tratava ficou claro para mim num dia em que fui convidado ao loft glamouroso de uma celebridade – um projeto arquitetônico e decorativo de cerca de dois milhões de dólares, localizado numa área tensa da cidade. Tivemos que saltar entre os montes de mendigos que abarrotavam a entrada do prédio, depois de atravessar aos solavancos aquelas ruas abarrotadas de dejetos, num táxi caindo aos pedaços, até conseguirmos entrar naquela ostentação de luxo totalmente decadente. Durante o jantar, perguntei à anfitriã: Você gosta de morar aqui? Mas claro, ela respondeu, esse é o lugar mais adorável em que já morei em toda a minha vida. Logo me dei conta de que o 'aqui' em que ela morava terminava na porta da entrada da casa. Essa era uma maneira de pensar totalmente estranha à mim. O meu 'aqui' inclui no mínimo toda a vizinhança. (NICOLAU SEVCENKO)

Voltando aos Japoneses

As criações de Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo vieram envoltas em susto. O que mostraram na passarela foram formas negras amplas, assimétricas, imperfeitas, que vinham puras, sem jóias, sem ornamento algum, sem exaltação, que remexiam no conceito de feminilidade e sedução vigente.

Os comentários àquelas exposições em grande parte comparava as roupas a mortaldas e questionava que tipo de mulher vestiria semelhante coisa horrorosa e tão desprovida de sensualidade. A expressão "pós-Hiroshima" passou então a representar



aquela nova sensibilidade projetual emergente. Acredito que não preciso dizer que esse acontecimento que lhes apresento já se consolidou como História, com vários relatos trazidos por diversos autores. É só consultar.

Irregularidade, Imperfeição, Assimetria são três conceitos caros a esses dois designers. Para Yamamoto "a simetria, símbolo da perfeição – não é muito humana", diz ele. É no humano que o designer busca sua inspiração: na roupa de trabalho usada por modelos anônimos – homens e mulheres do interior da Alemanha que no período entreguerras posam para o fotógrafo alemão August Sander. São macacões, guarda-pós, uniformes, blusões de pescador (FRANÇOIS BAUDOT). O que o encanta é a roupa usada por um qualquer, roupas que se desgastam com a passagem do tempo. O corpo e a roupa envelhecendo juntos, roupa que aconchega o corpo e acompanha sua trajetória singular, escreve com ele sua história em nada linear.

Rei Kawakubo, que diz amar o que não é perfeito, o que não é conforme, não hesita em avariar as próprias máquinas para obter o resultado que intenciona:

(...) tecer à mão é o melhor jeito de se obter o que desejo, mas nem sempre podemos fazer isso. Dessa forma, afrouxamos certas peças das máquinas de maneira que elas não façam exatamente o que delas esperamos. (...) O esburacado irregular é fruto de um cálculo. (FRANCE GRAND)

Os dois designers promoveram um levante estético: produziram com seus projetos de roupas um saudável estranhamento ao propor uma ressignificação do corpo, inventando uma silhueta antinaturalista. Ambos promoveram uma espécie de apagão do sujeito, ou, ao menos, dificultaram seu aprisionamento midiático instantâneo. Mantiveram-no sob a órbita das coisas inclassificáveis.

Tenho às vezes a impressão de que ainda não digerimos bem nem aquelas esculturas vestíveis que Rei Kawakubo nos propõe, e que formam com o corpo uma outra arquitetura humana, tampouco cada roupa de Yohji, que alude a peças de roupas de vários cantos do mundo, expostas às camadas de tempo, um parceiro sempre bem-vindo. "Meu sonho é desenhar o tempo", diz ele (FRANÇOIS BAUDOT).

Ambos desarrumaram, e ainda desarrumam, a casa das formas prontas, estabilizadas, da sensibilidade acostumada, e nos arremessam em outros territórios mais fascinantes, porque fabulares. Inquietam-nos e nos ajudam a pensar em outras soluções plásticas, outras formas, volumes, texturas, portadoras de outros signos ético-estéticos. Esse é um grande legado. De fato uma espécie de convocação para se pegar esse bastão e o arremessar ainda mais longe, em busca de outros horizontes.

Se deslocarmos essas questões para o nosso presente, chegamos à conclusão de que a contemporaneidade reclama diariamente isso de nós, e por isso nos convida a procurar por outras soluções formais, que atendam às demandas de uma existência cada vez mais complexa e paradoxal.

Encerro esta coluna, citando as proféticas palavras de Yohji Yamamoto: "Creio verdadeiramente que trabalho para pessoas que [ainda] não existem". Suas roupas delineiam um tempo por vir. Clamam por esse tempo. Suas mãos esculpem silhuetas, que secretam idéias e afetos. É assim que gosto de pensar nas roupas: um campo de forças em constante devir.

^[1] Para o senso comum, a opinião. "Massa gelatinosa que gruda no fundo da retina", segundo Roland Barthes.

REFERÊNCIAS

BAUDOT, François. *Yohji Yamamoto*. Trad. Vera Silvia de Albuquerque Maranhão. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

BEY, Hakim. *Taz – Zona Autônoma Temporária*. Trad. Patrícia Decia & Renato Resende. São Paulo: Conrad, s/d.

GRAND, France. *Comme des Garçons*. Trad. Christina Murachco. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI – no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.